

GÓRGIAS: CRÍTICO DE PARMÊNIDES

Rafael César Pitt

Orientador: Prof. Dr. Ignácio César de Bulhões (DFIME/UFSJ)

Resumo: Este pequeno artigo pretende mostrar a posição contrária da pesquisadora francesa Barbara Cassin diante da interpretação negativa do movimento sofístico. Para isso ela reinterpreta Górgias de Leontinos sob nova perspectiva, a saber, de que sua obra constitui uma crítica gramatical à empreendida parmenidiana de expressar um pensamento metafísico no Poema. Sua tese adquire validade se pensarmos que a metafísica ocidental, principalmente a partir de seus pilares, Platão e Aristóteles, foi construída em sistemas ancorados na identificação entre ser e pensar realizada por Parmênides.

Palavras-chaves: Górgias, Parmênides, ser, não-ser, cópula é.

B

árbara Cassin usa de uma metáfora para ilustrar o Tratado sobre o não-ser do Górgias frente ao Poema do Parmênides. A metáfora é um quadro do Salvador Dali em que alguns cisnes nadam numa pequena lagoa cercada com uma ilha ao centro. Enquanto alguns cisnes são bem definidos e nítidos, outros, em seu reflexo na água, distorcem-se e assemelham-se a elefantes. O primeiro tipo de cisne, idêntico a si mesmo, é o Poema de Parmênides; o segundo, catastrofado em paquiderme, é o Tratado de Górgias.

Esta metáfora está em um capítulo de nome *Identidade e Catástrofe ou como o cisne se torna elefante*. Para Cassin, há dois destinos possíveis para a identidade: ela triunfa como progresso dialético, passando do idêntico ao não-idêntico para retornar maior e mais rica, ou, seguindo sua tola identidade, repete-se e, nesta repetição, torna-se outra.

É interessante observar Górgias sob este ponto de vista pois o Tratado é justamente o oposto do Poema, o paquiderme frente ao cisne, o reflexo corruptor da identidade. O Tratado de Górgias busca repetir, o mais fiel possível – assim como o reflexo da água – seu cisne, porém, a distorção ocorre porque Górgias é um sofista, ou um gramático, e descobre que Parmênides estava em erro ao afirmar que o *ser é à custa do não-ser não ser*.

A tese lingüística de Bárbara Cassin

Cassin faz uma análise a partir da língua grega para justificar sua posição de que Górgias contradiz Parmênides por fidelidade, ou seja, afirmando: *o não-ser é não-ser*. Esta frase possui um predicado, *não-ser*, e um sujeito, *o não-ser é*. O uso do verbo *é* no sujeito já

pressupõe uma característica do sujeito segundo a língua grega, a saber, que o sujeito exista e que dele possa se dizer alguma coisa, pois em grego o predicado (aquilo que se diz de algo) difere-se do sujeito (aquele de quem se diz algo) porque este possui um artigo na frente. “O artigo obrigatório diante do sujeito é a marca de sua consistência, de sua substancialidade; indica que toda posição de um sujeito em uma proposição de identidade implica uma pressuposição de existência [...]” (CASSIN, B., 1990, p. 26)

Desta forma, quando dizemos *o não-ser é não-ser* estamos mesclando, como nos mostrou Górgias, duas significações, a de cópula, unindo sujeito e predicado, e de existência, pois para dizermos *o não-ser é não-ser* é antes necessário dizermos *o não-ser é*, o que, em grego, devido à presença do artigo, indica que o *não-ser* exista.

Portanto, *o sofisma* que Górgias aponta no Poema de Parmênides diz a seu modo ontológico de tratar o verbo *é*, pois este, quando empregado ao *ser*, confunde facilmente seus significados de cópula e existência, o que não ocorre quando dito em relação ao *não-ser*, onde é possível perceber esta falha. Esta falha é antes de tudo a falta de origem para o discurso, a falta constitutiva da linguagem para expressar um pensamento ontológico, ou metafísico, visto que a linguagem trai o pensamento por imitação, assim como o reflexo da água torna o cisne elefante. Górgias, crítico de Parmênides, policial da gramática.

A sofística, ao entender a filosofia como um fenômeno de linguagem, a libertou de sua inocência literária mostrando como o pensamento deve seguir tomando cuidado com as armadilhas da linguagem.

Tratado contra Poema

O título do tratado de Górgias é provocativo porque é o mesmo nome que a maioria dos físicos, ou *fisiólogos*, prescreveram às suas obras, inclusive Parmênides, com o porém de que estes versam sobre o ente entendido como aquilo que *é*, que possui realidade, enquanto que para Górgias falar da natureza é se referir àquilo que ainda não *é* mas que está em vias de ser.

A estrutura do Tratado de Górgias é inversamente proporcional à estrutura do Poema. As três teses de Górgias acabam por serem uma inversão exata do que pressupunha Parmênides. Para este

há o ser pois o ser *é* e o não-ser não *é*; em seguida, que esse ser *é* por essência cognoscível, já que ser e pensar são a mesma coisa; por meio disso a filosofia, e mais especificamente essa filosofia primeira que ficou denominada de metafísica, pôde se engajar muito naturalmente em seu caminho – conhecer o ser enquanto

ser – e se cunhou em doutrinas, discípulos e escolas. Ser, conhecer, transmitir: não é, não é cognoscível, não é transmissível (CASSIN, B., 1990, p. 26).

Conclusão

Cassin faz uma conclusão muito interessante a partir desta constatação. Diz ela que Górgias não faz uma escolha arbitrária de teses contrárias às teses de Parmênides, mas que o trai por fidelidade. O que isso quer dizer? Ela explica que “se a filosofia quer reduzir a sofística ao silêncio, é sem dúvida porque, inversamente, a sofística produz a filosofia como um fato de linguagem” (CASSIN, B., 1990, p. 10).

Linguisticamente, a ação de Górgias para com Parmênides é a reprodução de sua *fala poética* em discurso sofístico, ou seja, Górgias provoca uma mudança na identidade do Poema, em sua forma.

Esta mudança da identidade é a catástrofe que Cassin mostrou na metáfora do cisne transformado em elefante. Contudo, a catástrofe da identidade agrava a partir dos níveis de repetição. A mais grave, referente à base do Poema – que *nada é* – vai direto contra o *ser é* e o *não-ser não é*. Ora, o *ser é* vem ancorado na necessidade do *não-ser não ser*, ou, o que é o mesmo, o *ser* somente é ser se o *não-ser* não for.

Górgias, fiel a Parmênides, o retoma neste ponto e o afirma: o *não-ser é não-ser*, ou seja, o não-ser é idêntico ao não-ser. Está armada a catástrofe, diz Cassin, pois “desde que é engatada, nada pode deter o processo de identidade, ele se desenrola conforme à descrição que dele fornece Parmênides para o é (...)” (CASSIN, B., 1990, p. 25). O que Górgias constata e desenvolve em seu Tratado é que, assim como o ser é ser, e o não-ser é não-ser, o verbo *é*, como indicador de identidade, é incapaz de nos mostrar se o caminho que estamos seguindo é o do ente ou o do não-ente, ou, como adverte a musa a Parmênides, se o caminho que estamos seguindo leva à verdade ou é via enganadora.

Nesta perspectiva de Cassin, fica enfatizado como a sofística entende a filosofia como um fato de linguagem. A ontologia parmenidiana cai justamente por sua incapacidade de firmar-se como si mesma, idêntica a si própria, pois sua identidade, escorada *pelo verbo é*, vem traída pela dinâmica do próprio verbo, ao identificar seu oposto (o não-ser) com ele mesmo. Por isso diz Górgias – *nada é* – pois do ser é impossível dizer, pois impossível pensar e, conseguinte, impossível transmitir.

Referências Bibliográficas

CASSIN, Bárbara. *O Efeito Sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
_____. *Ensaio Sofísticos*. São Paulo: Siciliano, 1990.

GÓRGIAS, *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução de Manuel Barbosa e de Inês de Ornellas e Castro, Edições Colibri. Coleção Mare Nostrum, Lisboa.
GUTHRIE, W.K.C. *Os Sofistas*. Editora Paulus. Tradução de João Rezende Costa, 1995.
ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. *Os sofistas*. Edições 70, Lisboa.
VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. DIFEL, São Paulo, 5ª edição.